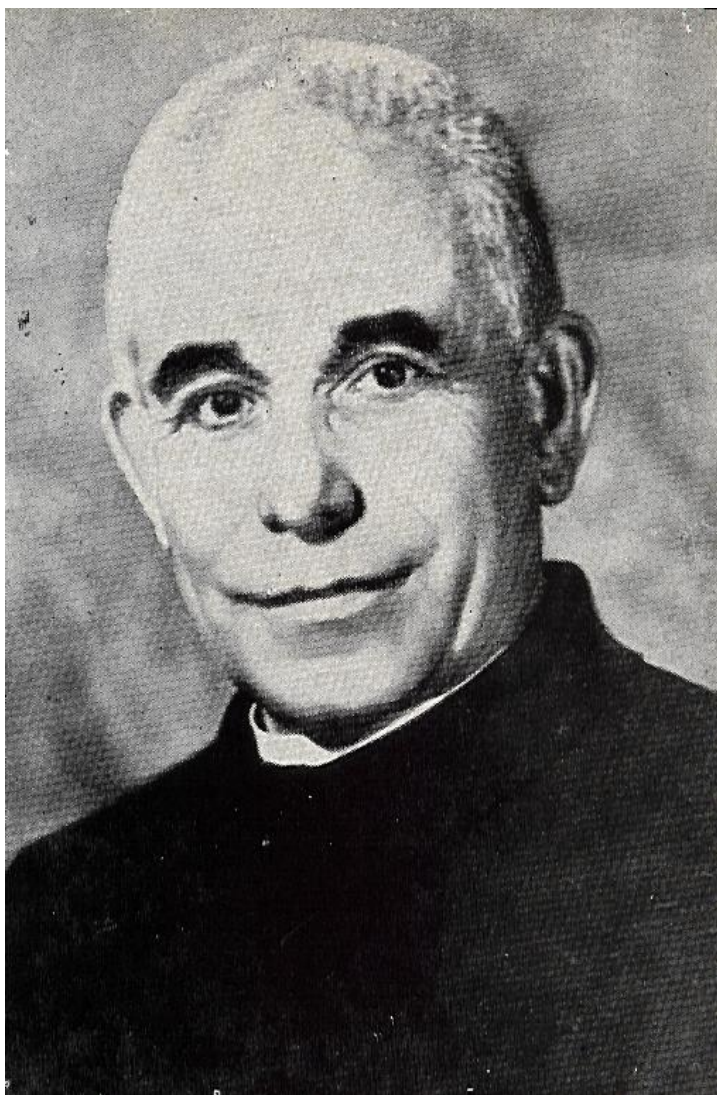


**Pequena Obra da Divina Providência**

**Dom Orione**

# Os Filhos de Dom Orione



# no Brasil 2

**Secretaria Provincial**

Pe. Genésio Poli – Julho 1985 – Autor

# AS RAÍZES SE APROFUNDAM

## (1923 - 1934)

### 1. RIO DE JANEIRO - GÁVEA

*“A aurora tão promissora que parecia chegar (com a vinda de Dom Orione) – escreve Pe. Ângelo – desapareceu bem depressa. Novas tribulações vieram acompanhar nossa vida, ainda tão raquítica, em terra de Santa Cruz e seguiram logos anos tristes e dolorosos.”*

Em março partiu da Itália no navio Alsina o Prof. Bernardo Bottino<sup>1</sup> enviado por D. Orione a Mar de Espanha. Lecionando nesta cidade o professor receberá 3 contos por ano, como salário de ensino, do Governo de Belo Horizonte.

Dom Orione escreveu várias vezes a Pe. Ângelo: **“Tu debes dar à Congregação uma casa própria no Rio de Janeiro.”** Impelido por esse insistente desejo de Dom Orione, aos 23 de maio de 1924, Pe. Ângelo, com o esforço de Pe. Carlos, do Cl. Arlotti e do Sr. Bottino, compra com muito sacrifício na Gávea, bairro popular e operário do Rio de Janeiro, o terreno da Rua Lopes Quintas, 86 (hoje, 274), fazendo hipoteca de 60 contos de dívida. Era simplesmente um terreno de 7.000m<sup>2</sup> com uma casinha no centro em mau estado, que precisou logo de reparação para poder ser habitada. No dia 1º de agosto entraram os primeiros religiosos e em março de 1925, tendo pago grande parte das dívidas, iniciou-se a construção da capela que foi inaugurada e benta pelo Excelentíssimo Dom Leme, Arcebispo coadjutor do Rio.



Dom Orione, o Prof. Bernardo Bottino e

Esta transferência foi possível também porque a Congregação deixou, definitivamente, por falta de pessoal, a Casa de Prevenção, após três anos de intenso trabalho (15.10.21 a 31.7.24).

Entraram, portanto, na CASA DA DIVINA PROVIDÊNCIA da Gávea, declarada sede oficial da Congregação no Brasil, para feitos civis, Pe. Ângelo De Paoli, superior, Pe. Carlos Alferano, o Cl. Francisco Arlotti e o Sr. Bernardo Bottino.

Em 5 de outubro coloca-se a primeira pedra da casa e o jornal “União” do Rio de Janeiro relata que na Gávea benze-se a primeira pedra do Instituto Profissional da Pequena Obra, com o apoio do Vigário da Gávea, Mons. Paulino Petra. Celebrou ao ar livre o Mons. De Sanctis, auditor da Nunciatura e foram padrinhos dois benfeitores: Dr. Carlos Ferreira de Almeida e Dona Viúva Proença. Falou o Dr. Plácido de

<sup>1</sup> Bernardo Bottino, nasceu em Oviglio (Itália), em 11.09.1876. Esteve 12 anos na Argentina. Havia abandonado o sacerdócio. Dom Orione o recebeu e o enviou ao Brasil em 1923 para lecionar em Mar de Espanha e depois na Gávea, até fevereiro de 1947. Era exímio professor, estimado pelos seus alunos. Transferido para São Paulo por motivo de

Melo e Pe. Ângelo concluiu. Já funciona o Oratório Festivo Pio X e o Cl. Arlotti dá catecismo todos os dias. Estavam presentes à festa 1.500 jovens.

No humilde subúrbio da Gávea encontrara Pe. Ângelo uma pequena pobre casa aos pés do Corcovado: 4 pequenos quartos ao redor, dois ou três barracões de barro e canas, algumas árvores gigantescas e terra inculta recoberta de enormes pedras e mato. Constroem uma capela e depois um edifício de um só andar onde funcionará uma escola e residirá alguns órfãos. Pe. Ângelo dirá um dia: *“Tudo foi construído com o trabalho dos religiosos e com a caridade pública.”*

No findar de 1924 e, precisamente, em 19 de dezembro, novas forças partem da Itália. No Duque de Aosta, no porto de Genova embarcaram os religiosos Pe. Carmelo Putorti, Pe. Artur Saponara, Pe. Nazareno Orzi, destinados ao Brasil e mais dois (Pe. Di Salvatore e Pe. Salvatori) para a Argentina. Desembarcam no Rio aos 3 de janeiro de 1925, recebidos pelo Pe. Ângelo e o Sr. Eduino Orione. Todos os cinco estiveram na pequena capela da Gávea. Esta pequena casa, mesmo pobre, era a felicidade de D. Orione, pois os primeiros missionários, afinal, tinham uma casa própria, totalmente da Congregação.

A casa do Rio de Janeiro recebe a visita de Dom Leme que benze a nova capela em 7 de junho de 1925; assim o Santíssimo Sacramento que estava num pobre quarto na entrada da casa dos religiosos, agora dá vida à linda capela e, por fim, numa singela festa, no dia 19 de março de 1926, solenidade de São José, entram os primeiros seis órfãos, todos pobres. Recordemo-os: José Correa Pinto, Edmundo Per. de Figueiredo, José da Silva, Pedro de Araújo Narval, Wilson Cardoso e Diogo Pacheco de Freitas (não órfão); um semi-interno, Francisco do Nascimento Pereira. Imediatamente iniciou a escola primária também para alunos externos.

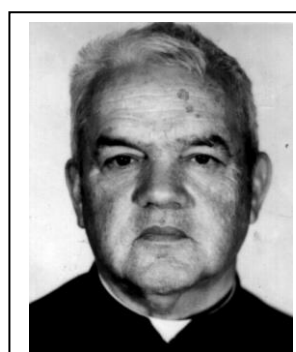
No dia 13 de abril chega o primeiro aspirante: Fernando Campos Taitson.

A educação cristã, a escola, as profissões vão-se sucedendo e assim em maio de 1926 inicia o boletim “Pequena Obra da Divina Providência”, no momento impresso em “O Pharol” e a partir de dezembro do ano seguinte já na própria escola tipográfica, pois em agosto chegaram as primeiras máquinas de tipografia compradas do “Jornal do Brasil”.

Dom Orione em 29 de agosto de 1926 nomeia oficialmente Pe. Ângelo de Paoli, superior das três casas do Brasil, assim como seu procurador.



Pe. Nazareno Orzi, Pe. Carmelo Putortí e Pe. Artur Saponara com Dom Orione, o Cônego Perduca e Pe. Bariani na sua despedida.



Pe. Fernando Campos Taitson





**Rio de Janeiro – Gávea – Instituto Divina Providência – Maio de 1926**

Na parte de cima da foto: Asp. Fernando Campos Taitson, Pe. Camilo Secco, Pe. Angelo de Paoli (Diretor), Pe. Nazareno Orzi, um aluno e o Cl. Francisco Arlotti.

No ano seguinte, em 6 de junho de 1927, a congregação viu-se obrigada, por falta de pessoal e conseqüente impossibilidade de cumprir a programação anterior, a deixar suas atividades em Mar de Espanha com muito pesar das Autoridades e de grande parte do povo. Razões: pouca freqüência, economicamente não sustentável e não apoiada convenientemente.

Vítima de trabalho infatigável, passa ao Senhor, aos 05 de agosto de 1927, em São José das Três Ilhas (MG), o primeiro missionário da Divina Providência na América, Pe. Carlos Dondero. Sua memória permanece como benção principalmente entre os negros, assolados pela malária e pela febre amarela, no meio dos quais ele gastou sua vida e por quem era amadíssimo.

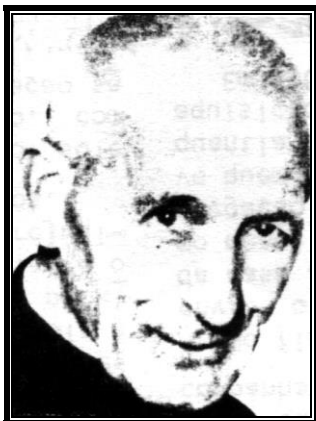
Dom Orione quis que seus restos mortais fossem levados a Niterói e sepultados debaixo do monumento a Nossa Senhora, o que foi feito em fevereiro de 1934.

Os religiosos que estavam em Mar de Epanha foram distribuídos entre as casas da Gávea e São Paulo.

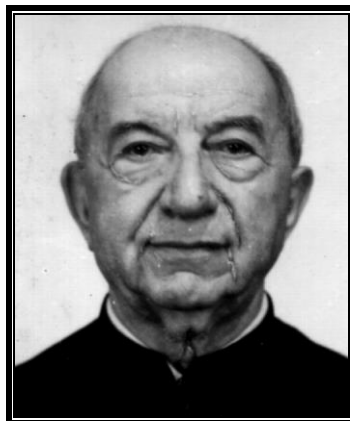
Pe. Artur Saponara é enviado a São Paulo, mas a 13 de setembro volta a Itália e deixa a Congregação.

No fim do ano, a 19 de dezembro, entra um novo aspirante, o jovem Lamartine Ferreira e se une a Fernando Taitson.

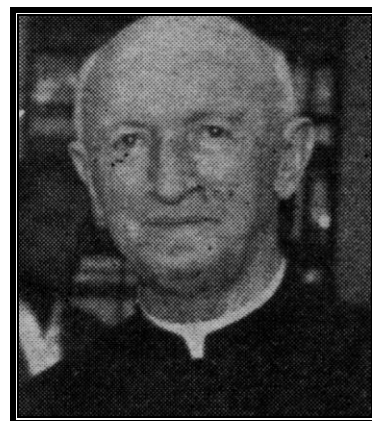
Em 30 de julho outros sacerdotes saem de Genova rumo à América. São eles:



Pe. José Montagna



Pe. Vicente Errani



Pe. Pedro Martinotti

Pe. José Montagna, Pe. Vicente Errani (ambos indicados para a Argentina, só mais tarde viriam para o Brasil) e Pe. Pedro Martinotti, destinado para o Brasil. Desembarcam no Rio aos 11 de agosto de 1927. Pe. Martinotti permaneceu na Gávea.

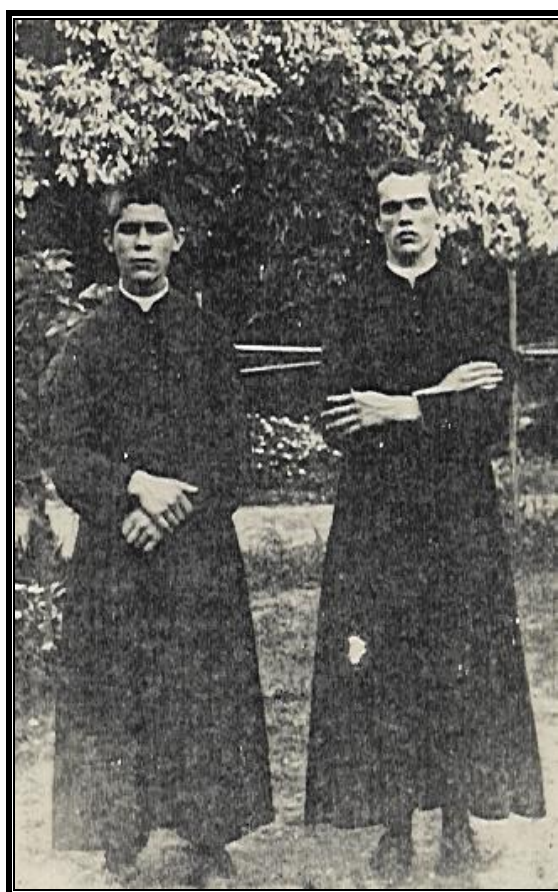
Enquanto isso o Cl. Bruno Menegoni, transferido de Mar de Espanha para a Gávea, sai e permanece com o Bispo de Valença, mas por ordem do próprio Bispo, retorna para a casa da Gávea, após alguns meses, em 9 de fevereiro de 1928. No dia 30 de Abril volta para a Itália e deixa a Congregação.

No início do ano seguinte, 1928, o Cl. Arlotti é enviado para a Itália com o objetivo de se preparar para as Ordenações sagradas. Receberá o presbiterato em 1929.

No dia de natal de 1927 recebeu a batina o aspirante Fernando Campos Taitson e no natal de 1928 o aspirante Lamartine.

Eis a seguir, uma descrição que um sacerdote diocesano fez da obra nesse ano: *“Os padres vieram para o Rio há três anos; pobres, em três somente, trabalham muito e gastaram mais de cem contos em favor dos meninos pobres, meninos abandonados, meninos de rua. Um oratório onde vemos 200 jovens ou mais, brincam e recebem lições de religião e civismo. Há também um internato com 9 alunos e um externato com 87 alunos; não pagam nada. Os*

*externos têm também ensino religioso, literário e técnico (artes gráficas e carpintaria); os internos recebem tudo gratuitamente. Há também uma igreja pública que atende ao quarteirão operário junto ao pavilhão que serve de escola e internato; atrás, outro pavilhão para oficinas e escola. O instituto tem seu Boletim... Vive para a caridade e de caridade.”*



Os clérigos Lamartine Ferreira e Fernando Campos Taitson, em 1929



Instituto da Gávea – Novembro de 1927 – No centro (sentado) nota-se o Sr. Eduíno Orione

O ano de 1929 foi para a Congregação um período de expansão. Como resposta à famosa circular vocacional de Dom Orione de 1927 muitos adolescentes e jovens lotaram os seminários da Itália. Na Argentina abriram-se várias casas e a congregação chegou aos Estados Unidos e ao Uruguai.

No Brasil, Pe. Ângelo de Paoli contava só com mais seis sacerdotes e dois aspirantes que cuidavam das casas da Gávea e da Paróquia Nossa Senhora Aquipita, em São Paulo.

No dia 31 de julho pela primeira vez em Voghera houve uma despedida de missionários. Partiam 4 sacerdotes e 2 Irmãos para a América. No Brasil desembarcaram Pe. Francisco Arlotti (de volta, agora sacerdote) e Pe. Luiz Colombo.

Dom Orione escreve aos responsáveis na América: “...*Aceitem somente casas nas quais se possa viver como religiosos e de nossa propriedade. Assim não sereis submetidos a diretrizes e exploração... Quem não está disposto a praticar a pobreza, o horário, as práticas de piedade, FORA!*”

Falando a Pe. Angelo sobre a casa que deveria receber no Ipiranga, em São Paulo, expressa o desejo de abrir aí o noviciado. Esta obra contudo não pôde concretizar-se.

Pe. Camilo Secco é enviado por Dom Orione, em 26 de agosto, para a Argentina. E Pe. Angelo é chamado por ele à Itália para rever a mãe idosa e assim se ausenta do Brasil de setembro de 1929 a março de 1930.

No fim do ano, em 16 de novembro, embarcam para a Itália os aspirantes Taitson e Lamartine para os estudos e o noviciado, são as primeiras esperanças brasileiras!

Pe. Ângelo, quando volta (março 1930) traz consigo o Irmão Angelo Gatti que acompanhará Pe. Arlotti na nova casa de Niterói que será aberta no dia 1º de abril.



No dia 19 de agosto chega mais um sacerdote da Itália, Pe. Lino Cantoni que foi dirigir o novo seminário em Niterói enquanto o Irmão Angelo vai para a Gávea.

E no fim do ano, em 11 de dezembro, Pe. Nazareno Orzi retorna, de acordo com a sua vontade, para a Itália onde continua como agregado. O mesmo foi feito pelo Pe. Luiz Colombo, em 27 de abril de 1931.

No dia 18 de junho uma agradável e prestigiosa visita é recebida no Instituto da Gávea: a Exma. Sra. Darcy Vargas, esposa do Presidente da República, Sr. Getúlio Vargas. Alunos internos e externos e bom número de benfeitores estavam presentes para receber a ilustre e caridosa dama. Um orfãozinho dirigiu-lhe palavras de cumprimento e ofereceu-lhe um buquê de flores naturais. A Exma. Senhora abraçou o pequeno e foi visitando as dependências do instituto, interessando-se por tudo e também pelo projeto de novas construções. Elogiou muito a nobre iniciativa; passou, em seguida, na Capela para rezar e animou os



Sra. Darcy Vargas

Padres a continuarem a bela obra de tantacaridade e promoção.

A comunidade da Gávea (Rio) com verdadeiros sacrifícios consegue manter o pequeno orfanato, a escola, as artes e as atividades pastorais enquanto fazem surgir o instituto para os órfãos e a nova capela.

No dia 8 de novembro de 1933, parte de Tortona um novo grupo de missionários. Para o Brasil está destinado somente o Pe. Nicola Rébora que chega no dia 21.



Pe. Nicola Rébora

Rio de Janeiro  
Gávea, 5 de outubro  
de 1934.  
Benção da Pedra  
Fundamental do  
Novo Instituto da  
Divina Providência

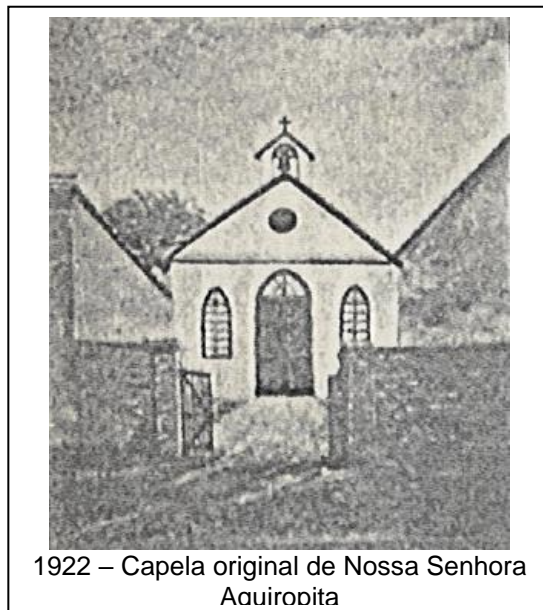


## 2. SÃO PAULO

Em São Paulo o Exmo. Dom Duarte havia decidido entregar a Dom Orione uma paróquia no Brás (Quinta Parada) a ser desmembrada da Paróquia de São José do Belém.

Em novembro de 1921 escrevera a Dom Duarte: *“...irão um sacerdote e um irmão para a nova paróquia da Quinta Parada. Enviarei outro sacerdote que conhece o português, depois aumentarei segundo as necessidades.”*

Pouco depois escreve a Pe. Mário, Superior em Mar de Espanha, que envie para São Paulo o Pe. Francisco Casa, que chega no dia 2 de fevereiro de 1922 e se hospeda – como também o próprio fundador se hospedara – na casa dos padres de São Carlos.



1922 – Capela original de Nossa Senhora Aquiroita

Neste mesmo dia, Dom Orione de passagem por Santos, escreve a Pe. Casa: *“Saúda os Redentoristas por mim e Pe. Faustino Consonni. Peço desculpa por não ter feito duas linhas para o Vigário de S. José do Belém.”* O próprio Vigário Geral de Mariana confiou as credenciais a Pe. Casa para se apresentar ao Arcebispo de São Paulo.

Em outra carta, já da Argentina, escreve Dom Orione: *“Estou contente que em São Paulo cuide do Hospital italiano e do cemitério no território da paróquia e que procure auxiliar Scalabrinianos e Redentoristas.”*

Esta paróquia deveria ser desmembrada da Paróquia de São José do Belém, e não chegou a ser concretizada. Somente um padre era pouco e o Arcebispo pede mais pessoal ou nos afastaria da diocese.

Pe. Francisco Casa, enquanto aguardava auxílio de pessoal, inicia a assistência religiosa na Capela de Nossa Senhora Aquiroita, no bairro do Bexiga, na época fora do perímetro urbano de São Paulo, capela que pertencia à Paróquia do Divino Espírito Santo, cujo Vigário era o Revmo. Cônego Adornio Krauss.

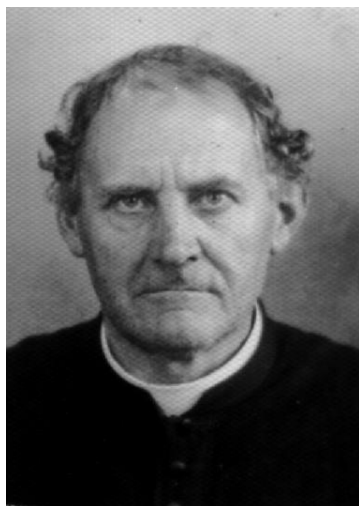
Foi em 1916 que os imigrantes italianos compraram um lote e construíram uma capelinha dedicada a Nossa Senhora Aquiroita aberta nos festejos e em alguns domingos.

Aos 31 de julho de 1924, Pe. Carlos Alferano é enviado para São Paulo.

Em março de 1925, Dom Orione agradece ao Sr. Arcebispo que nos oferece a nova paróquia de São José do Bexiga (Bela Vista) e diz: *“ Ia lá muitas vezes, aos domingos, rezar a Santa Missa! Tirarei daí Pe. Casa; enviarei outro em seu lugar “.* No mês seguinte então transfere Pe. Francisco Casa para a Argentina.

O terreno mede apenas 30x10 e o número de almas chega a 70 mil. O pároco será Pe. Carlos Alferano. Em setembro se unirá a ele o Pe. Carmelo Putorti, recém-chegado da Itália. Logo que possível será construída nova igreja. Por enquanto o Arcebispo pediu que os Padres abrissem ao culto a capela já existente após as necessárias reformas e que vissem a possibilidade de conservar o Santíssimo Sacramento.





Pe. Carlos Alferano  
Primeiro Pároco  
Paróquia do Bixiga criada em 4 de março de 1926



Pe. Carmelo Putortí  
Coadjutor

Entretanto, Pe. Carlos, para ficar mais próximo, hospeda-se numa casinha da Rua 13 de Maio, 115, comprada pela Congregação. A Abadessa Beneditina ofereceu quase tudo o que necessário para a igreja e oferecera, também, um quadro idealizado por Pe. Carlos cujo título será *Mater Divinae Providentiae* e será pintado por um vienense que mora na Gávea. O quadro encontra-se ainda na igreja.

Em 1925, inicia-se a assistência espiritual em Osasco, então simples capela, que contava, no entanto, com numerosíssimos fiéis. Pe. Putorti e depois Pe. Martinotti iam de trem, aos domingos e festas, prestar os serviços ministeriais.

Em março de 1928 deixa-se o atendimento nesta capela.

Dom Duarte a 4 de março de 1926 decreta a nova paróquia: São José do Bexiga, nomeando o Pe. Carlos Alferano primeiro pároco e Pe. Carmelo Putorti, coadjutor.

No ano de 1928 iniciou-se a construção da nova igreja que terminou em 1940.

No dia 10 de junho de 1927 chegou, como superior da casa, Pe. Mario Ghiglione, após o fechamento de Mar de Espanha.

Com grande satisfação, no dia 8 de março de 1928, os padres conseguiram comprar a casa atrás da igreja que se tornou moradia e possibilitou a ampliação das atividades. Esta aquisição atendia ao pedido de Dom Orione que, em 13 de abril, escrevia: “*Curai a AQUIOPITA, comprei terreno em seu redor!*”

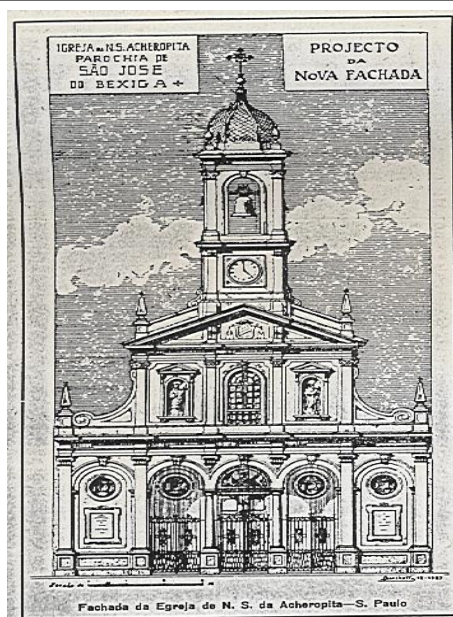
Em resposta à intensa atividade pastoral, no dia 6 de maio de 1928, o Bispo de Santos, Dom José Maria Pereira Lara, veio celebrar nesta igreja e conferiu a crisma a 1.374 pessoas.

Aos 4 de novembro é a vez do próprio bispo arquidiocesano, Dom Leopoldo Duarte, celebrar debaixo da nova cúpula da igreja, erguida sob a orientação do arquiteto Marchetti.

No dia 2 de junho de 1929 foi colocada e abençoada a pedra fundamental cuja construção terminou somente em 1940.

Com a ida para a Gávea de Pe. Putorti em 1930, a casa continuou com Pe. Mario Ghiglione como superiore e o Pe. Carlos Alferano como pároco. O Coadjutor era o Pe. Pedro.

Na folhinha anual de 1934, a página que anuncia o projeto da nova fachada da igreja está ao lado



### 3. NITERÓI e VITÓRIA

#### a ) Notas históricas da Igrejinha de São Francisco

Remonta, sabe-se, aos tempos da invasão do Rio de Janeiro pelos Franceses, a história do desbravamento e subsequente colonização do território do atual município de Niterói.

As primeiras terras destas paragens da Baía da Guanabara foram doadas em sesmarias ao fidalgo português D. Antônio Martiz, desistindo o mesmo da posse destas terras, conhecidas por “Barreiras Vermelhas”, em 1568 a pedido do Governador Mem de Sá que as queria destinar a Martin Affonso de Souza, o “Ararigboia”, em paga dos serviços que prestou nos combates contra os franceses e seus aliados, os Tamoios.

Martin Affonso escolheu o morro que chamou de São Lourenço para erigir o seu aldeamento, erguendo no mesmo lugar uma capela que ficou conhecida como igreja de São Lourenço dos índios. Nas imediações cultivavam os indígenas suas terras.

Como consequência da continuação do povoamento das Barreiras Vermelhas, vão aparecendo outras capelas espalhadas em todas as direções, ora construídas pelos portugueses, ora pelas jesuítas, uns e outros sempre contando com o auxílio dos índios ou escravos. Na segunda metade do século XVII podemos contar as seguintes capelas, além da de São Lourenço: a de São Domingos, fundada antes de 1652; a da Boa Viagem, já existente em 1663; a de São Francisco Xavier que se ergue desde 1572 nas terras de uma fazenda pertencente aos jesuítas e a de São João de Carity, construída em 1660 num morro fronteiro à atual praia de Icaraí. Esta última tinha jurisdição sobre as demais pela sua localização.

A igrejinha jesuíta de São Francisco Xavier é localizada numa pequena colina à beira-mar, no bairro de São Francisco; foi edificada em 1572 (parece) pelo Pe. Anchieta, o apóstolo da Companhia de Jesus no Brasil. Aos pés do morro existe ainda hoje, um marco de medição de terras cedidas aos jesuítas, também conhecido como “peão das terras” todo em pedra e tendo na face voltada para a enseada caracteres quase apagados e as insígnias da Ordem dos Jesuítas.

Na “História da Companhia de Jesus” de Serafim Leite, figura um roteiro que revela aspecto bem pouco conhecido. É que o Outeiro era uma ilha e representava, na época da construção da igreja, um verdadeiro refúgio contra o assédio dos selvagens. O mar ocupava toda a área em torno, indo se espalhar onde é a Rua General Rondon, um cemitério e o antigo Aero-Clube.

Os aterros sucessivos e os depósitos aluvionários dos pequenos rios que descem pelas encostas das montanhas ao redor, acabam por ligar a ilha ao continente de tal maneira que hoje em dia somente algumas pessoas sabem disso.

Os Padres Jesuítas do Colégio do Rio de Janeiro vinham em companhia do Pe. Manoel da Nóbrega à Igreja de São Francisco, onde permaneciam dias, auxiliando Anchieta na sua obra de catequese dos indígenas e preenchiam as horas vagas com declamações e representações de peças de teatro que Anchieta escrevia.

Sendo os Jesuítas expulsos do Brasil pelo Marquês de Pombal ( 1759 ), a igrejinha e todos os seus bens, pertences e anexos foram confiscados pela Coroa, indo passar, mais tarde, para as mãos do abastado proprietário local, o Major Luiz José de Menezes Froés, que a transformou em sede de sua fazenda, ali



morando algum tempo com sua família. Ele introduziu neste período uma série de modificações que, em 1937, foram removidas pelo Patrimônio que lhe devolveu as formas originais. Vendeu ele a propriedade, inclusive a capela, ao Governo Provincial.

A 8 de maio de 1891, o Dr. Francisco Portella (Presidente do Estado) escreve ao Bispo do Rio de Janeiro (a quem pertencia o território de Niterói): *“Cidadão – separada como hoje está a igreja do Estado pertencendo na sua quase totalidade os templos católicos e várias capelas ao Estado, não me sendo lícito prover mais à sua conservação e decoração, entendi que no interesse da população, que na sua maioria é católica, devendo tais capelas e templos ser como até aqui destinados ao serviço do culto religioso para que foram construídos, muitos até com o auxílio dos fiéis, convinha pô-los sob o patrimônio da Mitra e assim efetivamente os entrego a Vossa Reverendíssima na vacância do Episcopado para que fique sob o domínio e guarda dos respectivos vigários das Freguesias. Digna-se aceitar a expressão da maior veneração. Francisco Portella”*. Voltou, assim, a capela aos cuidados da Mitra fazendo parte da freguesia da Várzea.

Em 25 de fevereiro de 1929, Pe. Sebastião Gastaldi, há 16 anos Vigário de Jurujuba, pede ao Bispo escritura do terreno ao lado da Gruta como compensação pelo seu trabalho.

O Excelentíssimo Dom José, no dia 1º de abril de 1930, entrega a administração perpétua da Igreja e Gruta do Saco de São Francisco com seu patrimônio adjacente e edifícios existentes à Congregação da Divina Providência, exclusivamente para instalação de obras da Congregação e esta, paga como indenização, a Pe. Gastaldi a quantia de 50 contos. Compreendia a Paróquia de São Francisco, Jurujuba, Piratininga, Itaipu, Ipiba do Rio d'Ouro, Pendotiba e Progresso, enquanto que Itaipu, logo que estivesse estruturada para um vigário, poderia ser restituída à Diocese. (Ao Pe. Gastaldi, o Bispo entregou em 1932 a Capela de Piratininga, já construída em seu próprio terreno).

Pe. Francisco Arlotti, em 6 de abril, toma posse oficialmente da Paróquia São Francisco Xavier das mãos de Pe. Ângelo De Paoli, delegado do Bispo, sendo testemunhas o Ir. Ângelo Gatti e o Sr. Bernardo Bottino, e com o próprio Ir. Ângelo inicia as atividades da casa.

Tornou-se característica do Saco de São Francisco a famosa Gruta dos Milagres, centro de devotas peregrinações. Vale a pena então alguns dados históricos.

Consta no Livro de Tombo da Matriz de São Francisco Xavier que no ano de 1913, o Vigário Pe. Odorico Martins construiu uma Gruta dedicada a Nossa Senhora de Lourdes na frente da Igreja, tendo adquirida na cidade de Toulouse, França, uma bela imagem de Nossa Senhora.



Niterói, 1930 – Aos pés de Nossa Senhora de Lourdes, junto à Gruta dos Milagres: Pe. Francisco Arlotti, diretor e pároco; Pe. Lino Cantoni, reitor do Seminário; e o Ir. Ângelo Gatti, Assistente.

Acontece porém que, devido a uma forte ventania e à fragilidade da estrutura da gruta, numa manhã de junho do mesmo ano, acabou caindo debaixo de uma velha mangueira.

Por milagre, ficou intacto somente o lugar onde estava a imagem que, descida do nicho, foi levada para o interior da igreja.

Relatado o fato pelo vigário ao Sr. Bispo, este assim lhe respondeu: *“E agora o senhor faça uma gruta que vento não derrube!”* - *Com muito gosto* – respondeu o Vigário – *mas com a condição que o senhor escolha o lugar.*”

Veio pois, o Exmo. Sr. Bispo ao Saco de São Francisco em companhia do cura da Catedral e do construtor Conde Vicente Del Bosco e escolheu o lugar onde se construiu, em seguida, a gruta.

No 1º domingo de outubro, às quatro da tarde, na presença de diversas pessoas e depois de lida a ata, foi benta a pedra fundamental da gruta pelo Exmo. Sr. Bispo com toda solenidade.

No dia 4 de janeiro de 1914, o Exmo. Sr. Bispo celebrava a Santa Missa e dava a comunhão a diversas pessoas no altar da nova gruta.

Dom Orione, em sua segunda passagem pelo Brasil, venerou de modo particular este lugar e deixou alguns grupos fotográficos de lembrança.

Em 1982 as autoridades civis, com a concordância do Sr. Arcebispo, por problemas estéticos e panorâmicos, ordenaram a derrubada da gruta. As preciosas imagens são conservadas no interior da igreja.

## **b) Seminário**

Sendo a casa de Niterói destinada a ser Escola Apostólica da Congregação, ela recebe, em 24 de abril de 1930, o primeiro aspirante na pessoa do jovem José Carlos Correa Pinto, 18 anos de idade e desde 1926 aluno da Gávea; ele, porém, abandonou em julho do mesmo ano. Outros jovens se encaminham na formação. Eram dirigidos pelo próprio diretor Pe. Francisco Arlotti, coadjuvado pelo Ir. Ângelo Gatti.

Um novo missionário, Pe. Lino Cantoni chega da Itália no dia 9 de agosto de 1930 e é imediatamente enviado como Superior da Escola Apostólica do Saco de São Francisco, enquanto o Ir. Angelo retornava para a Gávea.

Pe. Arlotti, diretor, em 21 de janeiro de 1931 emite a profissão perpétua na mãos de Pe. Ângelo, que, no dia 10 de abril, celebra a 1ª missa na capela do seminário.



Niterói – 10 de abril de 1931 – Superiores e aspirantes após a 1ª Missa



**Niterói, 21 de maio de 1931 – Vestição dos primeiros aspirantes**

Na foto: Sebastião Balla (Aspirante a Irmão), Diogo Pacheco de Freitas, Pedro Pereira de Souza, Pe. Ângelo de Paoli, Pe. Lino Cantoni, Sua Exa. Dom José Pereira Alves (Bispo de Niterói), Pe. Carmelo Putortí, Pe. Francisco Arlotti, Ir. Ângelo Gatti, Luiz Finore, Aloísio de Andrade e Pe. Luiz Colombo.

Prestigiando o esforço vocacional, o próprio bispo Dom José Pereira Alves presidiu, em 21 de maio, a primeira Vestição clerical dos aspirantes Luiz Finore, Pedro Pereira de Souza, Diogo Pacheco de Freitas e Aloísio de Andrade.

É digno de nota o ingresso, em 22 de janeiro de 1932, do aspirante Antonio Pagliaro, com 14 anos, primeiro destes aspirantes a se tornar religioso e sacerdote orionita.

Seguiu-se, pouco depois, em 21 de abril, a vestição de outros dois aspirantes: André Inácio e Wilson Ferreira.

Já em fevereiro de 1932 os religiosos tiveram a alegria de receber a ilustre visita do Sr. Núncio Apostólico, Dom Aloisi Masella, acompanhado do Bispo diocesano e de outras autoridades.

Aos 10 de fevereiro de 1934 foi solenemente colocado no pedestal do pequeno monumento construído no pátio a imagem de Nossa Senhora das Graças. No dia 25 o Sr. Bispo inaugura o monumento com sua bênção. Aos pés deste monumento, Dom Orione quis que fossem sepultados os restos mortais do primeiro missionário orionita, Pe. Carlos Dondero, trazidos de São José das três Ilhas. O que foi feito em 1937.

O seminário continua a sua missão formadora e os alunos maiores são transferidos, juntamente com Pe. Arlotti, para o Instituto da Gávea.



**c) Vitória (ES)**

Recebeu a Congregação neste tempo a direção do Orfanato Cristo Rei, em Vitória do Espírito Santo. No dia 11 de fevereiro de 1933, para lá foram o Pe. Lino Cantoni e o aspirante Wilton Ferreira.

Mas pela pouca disponibilidade de pessoal religioso, o compromisso não pode ser continuado e em março de 1934 o Orfanato foi restituído. Pe. Lino, voltando, passa um tempo em Niterói e depois é transferido para a Argentina.

No dia 19 de março de 1934 o Pe. Carmelo toma posse como vigário de Niterói e Pe. Arlotti segue para o Instituto na Gávea.

## 5. CASO IPIRANGA

Muito se falou da Obra do Ipiranga, em São Paulo; o assunto ocupou tantos anos e tantas pessoas que merece algumas linhas de esclarecimento.

O Conde Dr. José Vicente de Azevedo fundou nos idos de 1891 um “Asilo” para órfãos e o “Liceu de Artes e Ofícios São José” para meninos em seu terreno localizado na colina histórica do Ipiranga, atrás do famoso monumento à independência. Recebera a bênção do Bispo Dom Luiz Deodato.

Mais tarde a obra em construção ficou sob a direção de Pe. José Marchetti, dos Missionários de São Carlos, e passou a chamar-se “Orfanato Cristóvão Colombo”, inaugurado no dia 8 de dezembro de 1895 que funciona ainda hoje.

O Dr. José Vicente, ansioso para concretizar o seu projeto, procurou os Salesianos, falando diretamente com Dom Rua, primeiro sucessor de Dom Bosco, que deu esperanças mas não pôde concretizar.

Em 1921, no dia 8 de outubro, o Dr. José Vicente entrou na Igreja Santo Antonio na Praça Patriarca para uma visitinha ao Santíssimo Sacramento, dirigiu-se à sacristia e lá o esperava um sacerdote: era Dom Luiz Orione. Este apresentou-lhe um pergaminho assinado pelo Santo Padre Bento XV cujos dizeres, em latim, eram: “Aos Patriarcas, Arcebispos e Bispos... tudo o que fizerdes a Dom Luiz Orione, a mim o fareis!”. No dia seguinte encontra-se na residência do Dr. José Vicente.

Relatam: “Lembro-me com todas as minúcias, como se fora hoje; os santos desejos daqueles dois homens de Deus se encontravam maravilhosamente... Hóspede do Revmo. Pe. Faustino Consoni no “orfanato Cristóvão Colombo” Dom Orione, ao passar pelo terreno destinado às oficinas São José, sentiu interiormente uma voz: *“É qui che sorgerà l’opera di San Giuseppe!”* e no chão enterrou uma medalha do glorioso São José... Somente depois disso soube quem era o proprietário daquele terreno!

Em 20 de maio de 1922 Dom Orione por

“Dom Luiz Orione abriu, tranqüilo os botões da batina e tirou do bolso na altura do peito um pequeno pergaminho no qual se lia em latim, acima da assinatura autógrafa de Sua Santidade gloriosamente reinante o Papa Bento XV: “Aos Patriarcas, Arcebispos, Sacerdotes e fiéis do orbe terrestre... tudo o que fizerdes ao Sacerdote Orione Luigi, da Divina Providência a mim o fareis.”

Marca um encontro na casa do Dr. José Vicente na Alameda Barão de Limeira, 238, então n. 2, às 15 horas do dia seguinte. Neste encontro Dom Orione fica conhecendo a história do Orfanato Cristóvão Colombo que teria sido chamado “Liceu de Artes e Ofícios de São José”. Foi construída a capela em honra do santo e quando os carlistas construíram o orfanato este recebeu o nome atual ficando sob a proteção de São José.

Dom Orione e o Conde José Vicente trocam correspondências e neste período entra em cena os Arcebispos de São Paulo sempre com o intuito de uma obra em honra a São José na colina do Ipiranga para as crianças órfãs...

Em 1937 – Dom Orione vem a São Paulo novamente. Celebra a missa na Capela do Juvenato e fala às crianças do grupo Escolar S. José.

Visita também o Internato Nossa Senhora Auxiliadora do Ipiranga e deixa escrito no livro de autógrafos: “Almas! Almas! Ó meu Deus, que sois tão bom para com todos, até para com os mais indignos e miseráveis servos e filhos vossos, agradeço-vos, ó meu Senhor, por me haverdes concedido hoje a grande alegria de espírito de celebrar a Santa Missa na colina histórica do Ipiranga e de dirigir a vossa palavra evangélica a algumas centenas de crianças reunidas em vosso nome. Também me concedestes ver e admirar tantas Instituições cristãs e benéficas em favor especialmente dos humildes e dos filhos do povo. E tantas pessoas inteligentemente boas que desenvolvem o grande apostolado do bem: tudo isto: Deo gratias! ... a todos dignai-vos abençoar, Senhor, mas em particular o Exmo. Sr. Conde Dr. José Vicente de Azevedo, suscitador de todas estas instituições; completai os seus santos desejos, todos os seus votos, abençoai a sua nobre família e que as santas mãos de Nossa Senhora Aparecida coroem-no eternamente na glória do céu!

Sacerdote Giovanni Luigi Orione, dei Figli della Div. Provvidenza”

(Conde José Vicente de Azevedo, sua vida e sua obra).

escritura se comprometeu, dentro do período de um ano, a iniciar a obra... (porém) sobrevieram obstáculos intransponíveis no momento...”.

Dom Orione continuou o contato epistolar e amigo com Dr. José Vicente na certeza de poder um dia realizar os sonhos de ambos.

Finalmente, em 26 de maio de 1933, Dom Duarte, Arcebispo de São Paulo, dá sua aprovação ao projeto do Dr. José Vicente de Azevedo a respeito das “Oficinas de São José”, sob a direção dos Padres da Divina Providência.

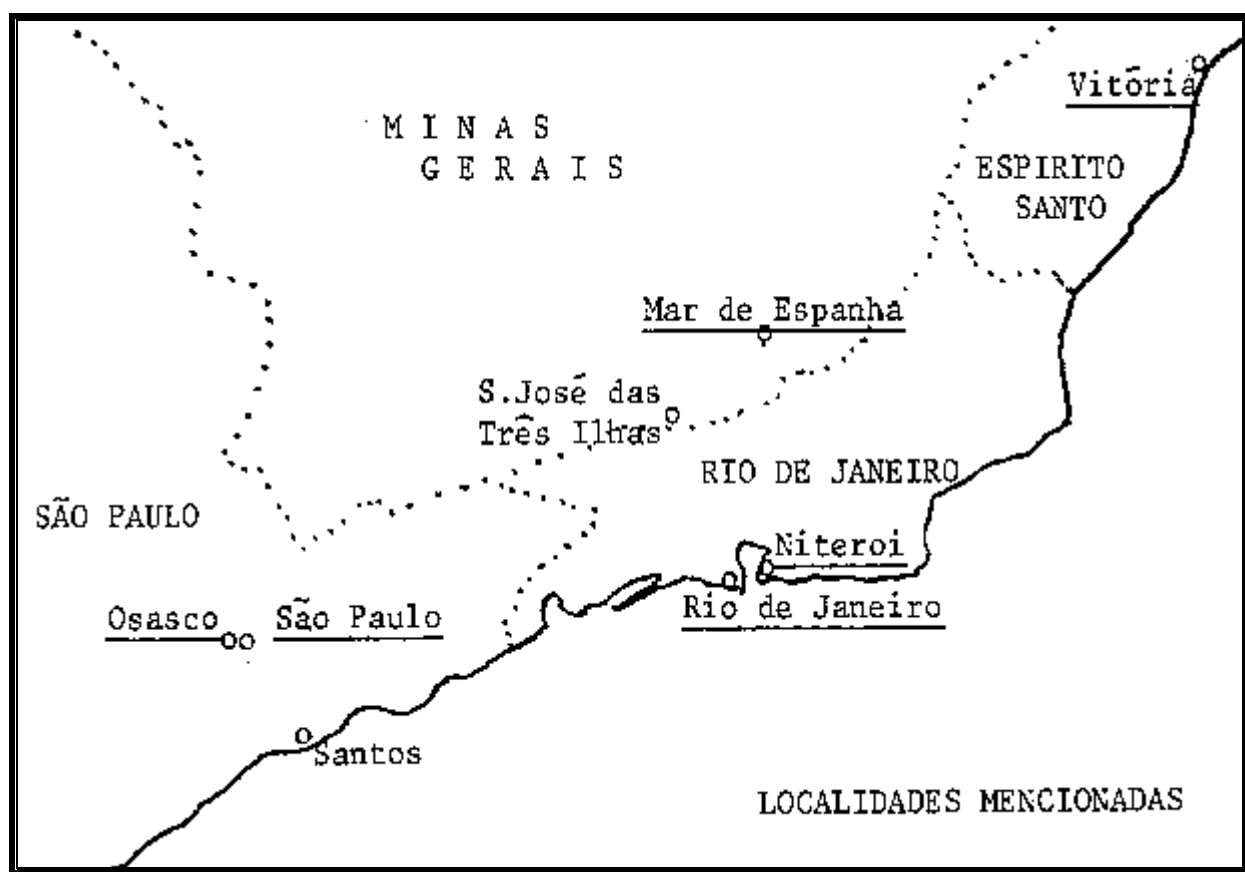
Em 27 de junho de 1933, Dom Orione escreve “*Nel nome di Gesù, di Maria e di São Giuseppe, oggi ho deposto la sua proposta sull’altare della Madonna di Pompei. Ho celebrato e pregato. Accetto nel nome di Dio!*”.

Em 1937 Dom Orione retornou a São Paulo, celebrou no Ipiranga na capela do juvenato (Av. Nazaré, 795) no dia 8 de junho de 1937, falou às crianças do Asilo e do Grupo Escolar São José; depois disse: “*Ainda não é chegada a hora da Providência! Confiamos em São José!... Quando tiver crescido vegetação sobre nossas sepulturas, surgirá a obra de São José e muitas, muitíssimas almas, se salvarão à sua sombra!*”.

Em 1948, quando estava presente no Brasil o Superior Geral, Dom Carlos Pensa, e o filho do Dr. José Vicente, aceitava-se novamente por escrito o compromisso da direção da nova obra.

O contato continuou por vários anos, mas... a hora de Deus ainda não havia chegado!

Em dezembro de 1955, Pe. Pattarello interessou-se pela casa, mas já estavam adiantadas as tratativas com os Irmãos Lassalistas.





## **Chegada e Saída dos Missionários**

<b><i>Chegada</i></b>	<b><i>Nome</i></b>	<b><i>Saída</i></b>
<b>1925</b>	<i>Pe. Carmelo Putortí</i>	Transf. 1969
	<i>Pe. Nicola Rebora</i>	Transf. 1927
	<i>Pe. Nazareno Orzi</i>	Transf. 1930
<b>1927</b>	<i>Pe. Pedro Martinotti</i>	+ 1969
<b>1929</b>	<i>Pe. Luiz Colombo</i>	Transf. 1932
<b>1930</b>	<i>Ir. Angelo Gatti</i>	Transf. 1936
	<i>Pe. Lino Cantoni</i>	Transf. 1934
<b>1933</b>	<i>Pe. Nicola Rebora</i>	Transf. 1935

## **Obras e pessoal no final de 1934**

<b>Rio de Janeiro - Gávea</b>	<b>São Paulo - Aquirópita</b>	<b>Niterói</b>
<b>Pe. Angelo De Paoli</b>	<b>Pe. Mario Ghiglione</b>	<b>Pe. Carmelo Putortí</b>
<b>Pe. Nicola Rébora</b>	<b>Pe. Carlos Alferano</b>	<b>Ir. Angelo Gatti</b>
<b>Pe. Francisco Arlotti</b>	<b>Pe. Pedro Martinotti</b>	
<b>(Prof. Bernado Bottino)</b>		